CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM LIBRAS: A EXPERIÊNCIA DO SINALART COM A FADA DAS MÃOS MÁGICAS

STORYTELLING IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: THE SINALART EXPERIENCE WITH THE FAIRY OF MAGICAL HANDS

NARRACIÓN DE HISTORIAS EN LENGUA DE SIGNOS BRASILEÑA: LA EXPERIENCIA DE SINALART CON LA HADA DE LAS MANOS MÁGICAS

10.56238/sevened2026.040-013

Jovania da Silva Carvalho
Mestra em Educação Bilíngue
Instituição: Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu
E-mail: jovania.silva@aluno.ines.gov.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0003-6171-1682
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2758611148351295

Valeria Fernandes Nunes
Doutora em Linguística
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: valerianunes@letras.ufrj.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2184-1314
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3912784488508209

Fernanda Grazielle Aparecida Soares de Castro
Doutora em Linguística
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: fernanda@letras.ufrj.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4168-6905
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8803582741277804

Valéria Milanês Moreira
Graduanda em Letras Libras
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: valmilanes@letras.ufrj.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0000-1869-7780
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4928353933325449

Gleice Silva de Carvalho
Graduanda em Letras Libras
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: gleicescarvalho@letras.ufrj.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0003-4672-1700
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4254733127084840

Samir Santos da Motta
Graduando em Bacharel de Letras Libras
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: samirsantosdamotta69@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0000-1003-9855
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6831851281934133

Ana da Conceição Lemos
Graduada em Letras Libras em Bacharelado
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Orcid: https://orcid.org/0009-0005-0278-3170

João José Macedo
Graduado em Desenho Industrial com Habilitação em Programação Visual
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: joaojosemacedo@letras.ufrj.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0007-6070-8499
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2202787893146274

Rebeca Pimentel dos Santos
Graduada em Licenciatura em Letras Libras
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: rebecapimentellibras@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0003-8219-424X
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4375749448306808

Welton Fernando Zonatti
Doutor em Sustentabilidade
Instituição: Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)
E-mail: wzonatti@ines.gov.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0001-3747-589X
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2289209834440375

Monique dos Santos Mairins
Graduanda em Bacharelado em Artes Visuais
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: mmmairins3@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0004-5691-8280
Lattes: http://lattes.cnpq.br/7907062988773416

Leandro da Silva Neto Fernandes
Graduando em Dança
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: leandrosnfernandes@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0005-0550-9986
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4359009495771984

Sarah Aparecida Brandão Santana
Graduanda em Letras Libras
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: sarahsantanabrandao@letras.ufrj.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0008-6041-6223
Lattes: http://lattes.cnpq.br/0542336734917750

RESUMO
O direito à cultura e à educação é assegurado pela Constituição Federal de 1988. No âmbito educacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) fortalecem as políticas de acessibilidade e a educação bilíngue para surdos, garantindo condições para o acesso ao conhecimento e à participação cultural por meio da Libras. Com base nessas diretrizes, desenvolvemos a contação de história autoral A Fada das Mãos Mágicas no projeto de extensão da UFRJ intitulado "SinalArt", na qual a arte é empregada como espaço de aprendizagem, substituindo a tradicional varinha mágica pelas mãos que sinalizam em Libras e valorizando a pedagogia visual (Campello, 2007). O trabalho objetiva analisar o processo de construção da peça, investigando relações de multimodalidade e pedagogia visual presentes na narrativa encenada e na música, bem como o ensino de numerais e animais em Libras e a construção do conceito de partilha como ética coletiva. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, qualitativa e estudo de caso, articulando pesquisa de campo e produção artística autoral. O percurso metodológico compreendeu levantamento teórico; elaboração, revisão e produção autoral do roteiro cênico e da música; ensaios e filmagens; discussões coletivas para aprimoramento da atuação; avaliação por profissionais convidados; definição de figurinos, cenários e objetos de cena; registros fotográficos; gravação musical em estúdio; e apresentação da performance em uma escola, constituindo uma experiência de campo em contexto educacional bilíngue. A produção audiovisual resultante foi disponibilizada no YouTube, ampliando o acesso à obra e seu potencial educativo e cultural (Karnopp, 2006). Os resultados evidenciam o potencial da contação de histórias em Libras como estratégia de acessibilidade cultural e ensino bilíngue. A música dos números, articulando sinal, voz, ritmo e harmonia, funcionou como recurso mnemônico multimodal, favorecendo a aprendizagem. Conclui-se que a performance fortalece o protagonismo da Libras em contextos artísticos e educativos (Nunes, Almeida, 2020; Nunes, Sessa, Alves, Santos, 2025; Nunes, Souza, Guimarães, 2023) , promove a interação entre universidade e sociedade e reafirma a importância de dramaturgias autorais voltadas ao público surdo.

Palavras-chave: Libras. Contação de Histórias. Educação Bilíngue.

ABSTRACT
The right to culture and education is guaranteed by the Federal Constitution of 1988. In the educational sphere, the Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB) and the Brazilian Law of Inclusion (Law No. 13.146/2015) strengthen accessibility policies and bilingual education for the deaf, ensuring conditions for access to knowledge and cultural participation through Libras. Based on these guidelines, we developed the authorial storytelling "The Fairy of Magical Hands" in UFRJ's extension project entitled "SinalArt", in which art is used as a learning space, replacing the traditional magic wand with hands that signal in Libras and valuing visual pedagogy (Campello, 2007). The work aims to analyze the construction process of the play, investigating multimodality and visual pedagogy

relationships present in the enacted narrative and music, as well as the teaching of numerals and animals in Libras and the construction of the concept of sharing as collective ethics. The research is characterized as bibliographic, qualitative, and case study, articulating field research and authorial artistic production. The methodological path included theoretical survey; elaboration, revision, and authorial production of the scenic script and music; rehearsals and filming; collective discussions for improvement of acting; evaluation by invited professionals; definition of costumes, scenery, and stage objects; photographic records; musical recording in studio; and performance presentation in a school, constituting a field experience in bilingual educational context. The resulting audiovisual production was made available on YouTube, expanding access to the work and its educational and cultural potential (Karnopp, 2006). The results show the potential of storytelling in Libras as a strategy for cultural accessibility and bilingual education. The music of numbers, articulating sign, voice, rhythm, and harmony, functioned as a multimodal mnemonic resource, favoring learning. It is concluded that the performance strengthens the prominence of Libras in artistic and educational contexts (Nunes, Almeida, 2020; Nunes, Sessa, Alves, Santos, 2025; Nunes, Souza, Guimarães, 2023), promotes interaction between university and society, and reaffirms the importance of authorial dramaturgies aimed at the deaf public.

Keywords: Libras. Storytelling. Bilingual Education.

RESUMEN

El derecho a la cultura y la educación está garantizado por la Constitución Federal de 1988. En el ámbito educativo, la Ley de Directrices y Bases de la Educación Nacional (LDB) y la Ley Brasileña de Inclusión (Ley nº 13.146/2015) fortalecen las políticas de accesibilidad y educación bilingüe para sordos, garantizando condiciones para el acceso al conocimiento y la participación cultural a través de Libras. Con base en estas directrices, desarrollamos la narración autoral "La Hada de las Manos Mágicas" en el proyecto de extensión de la UFRJ titulado "SinalArt", en el que el arte se utiliza como espacio de aprendizaje, reemplazando la varita mágica tradicional con manos que señalan en Libras y valorando la pedagogía visual (Campello, 2007). El trabajo tiene como objetivo analizar el proceso de construcción de la obra, investigando las relaciones de multimodalidad y pedagogía visual presentes en la narrativa escenificada y la música, así como la enseñanza de numerales y animales en Libras y la construcción del concepto de compartir como ética colectiva. La investigación se caracteriza como bibliográfica, cualitativa y estudio de caso, articulando investigación de campo y producción artística autoral. El recorrido metodológico incluyó levantamiento teórico; elaboración, revisión y producción autoral del guión escénico y la música; ensayos y grabaciones; discusiones colectivas para mejorar la actuación; evaluación por profesionales invitados; definición de vestuario, escenografía y objetos escénicos; registros fotográficos; grabación musical en estudio; y presentación de la performance en una escuela, constituyendo una experiencia de campo en contexto educativo bilingüe. La producción audiovisual resultante fue publicada en YouTube, ampliando el acceso a la obra y su potencial educativo y cultural (Karnopp, 2006). Los resultados evidencian el potencial de la narración de historias en Libras como estrategia de accesibilidad cultural y educación bilingüe. La música de los números, articulando seña, voz, ritmo y armonía, funcionó como un recurso mnemotécnico multimodal, favoreciendo el aprendizaje. Se concluye que la performance fortalece el protagonismo de Libras en contextos artísticos y educativos (Nunes, Almeida, 2020; Nunes, Sessa, Alves, Santos, 2025; Nunes, Souza, Guimarães, 2023), promueve la interacción entre universidad y sociedad y reafirma la importancia de dramaturgias autorales dirigidas al público sordo.

Palabras clave: Libras. Narración de Historias. Educación Bilingüe.

1 INTRODUÇÃO

Navegar pelo universo infantil é se permitir também navegar por um mundo de imaginação e possibilidades. Afinal, já vimos muitas histórias, e muitas delas em florestas encantadas. Já vimos pássaros que cantam, lagartas que viram borboletas, joaninhas com pintas pretas, uma menina com sete amiguinhos pequenininhos, uma garota com capuz vermelho e uma donzela dorminhoca à espera de um beijo apaixonado. Mas uma fada que se comunica com as mãos? Essa nunca tínhamos visto até agora! E hoje vamos contar essa história para vocês!

Este texto apresenta e analisa a história infantil *A Fada das Mãos Mágicas*, uma produção artística desenvolvida, ao longo de 2026, no âmbito do projeto de extensão SinalArt – Sinalizando Artes, vinculado à Faculdade de Letras e ao Departamento de Letras-Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A investigação contempla tanto a apresentação ao vivo quanto a produção audiovisual, considerando as especificidades e as possibilidades expressivas de cada formato.

O processo de criação envolve a elaboração da narrativa e dos personagens, a composição musical, a definição dos figurinos e da maquiagem, a construção dos cenários e dos elementos cenográficos, além da filmagem, da edição e da incorporação de recursos visuais e sonoros. A análise busca compreender como a articulação entre diferentes linguagens artísticas e recursos técnicos contribui para a construção da obra, com ênfase nas possibilidades expressivas da Língua Brasileira de Sinais (Libras), na valorização da cultura surda e na promoção da acessibilidade cultural para o público infantil.

A contação de histórias em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para o público infantil constitui uma prática artística, linguística e cultural de grande relevância para a valorização da identidade surda e para a promoção da diversidade linguística desde a infância. Compreendemos que ao proporcionar experiências narrativas por meio de recursos visuais, música, expressões faciais e corporais, movimentos e configurações de mãos, essa prática favorece ao desenvolvimento linguístico, à imaginação, à criatividade e à construção de sentidos.

Para as crianças surdas, o contato com histórias em sua língua contribui para o fortalecimento dos vínculos identitários, o reconhecimento de suas experiências culturais e a ampliação de suas possibilidades de participação social. Para as crianças ouvintes, representa uma oportunidade de conhecer a Libras, aproximar-se da cultura surda e compreender a diversidade dos modos de comunicação e expressão humana.

Além de seu potencial educativo e literário, a contação de histórias em Libras constitui uma importante estratégia de acessibilidade cultural, pois amplia as possibilidades de acesso das crianças surdas à literatura e às manifestações artísticas em condições que consideram suas especificidades linguísticas e visuais. Nesse contexto, a Libras não se limita à tradução de narrativas originalmente produzidas em português, mas se afirma como língua de criação, expressão estética e produção de conhecimento. A incorporação de elementos teatrais, musicais e corporais enriquece a experiência narrativa e contribui para a construção de ambientes inclusivos, nos quais crianças surdas e ouvintes podem compartilhar experiências, ampliar repertórios culturais e estabelecer relações de respeito às diferenças.

Este texto está organizado em três seções, além da introdução e das considerações finais. A primeira seção apresenta a fundamentação teórica sobre a contação de histórias em Libras e o gênero conto de fadas, com ênfase nas estratégias narrativas e nos recursos visuais e expressivos que favorecem à experiência de crianças surdas.

A segunda seção descreve a metodologia adotada, com ênfase nas etapas de desenvolvimento da contação de histórias, desde a concepção da proposta até sua realização ao vivo e sua produção audiovisual.

A terceira seção dedica-se à análise do processo de criação e produção da obra *A Fada das Mãos Mágicas*, contemplando a elaboração da narrativa e dos personagens, a composição musical, a definição dos figurinos e da maquiagem, a construção dos cenários e dos elementos cenográficos, bem como os procedimentos de filmagem, edição e incorporação de recursos visuais e sonoros.

Assim, a contação de histórias em Libras favorece à democratização do acesso à arte e à literatura, fortalece a visibilidade da língua e da cultura surda e contribui para a construção de uma sociedade mais acessível e linguisticamente diversa[1].

2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM LIBRAS: ENCANTAMENTO DOS CONTOS DE FADAS

A incorporação da contação de histórias às práticas pedagógicas pode enriquecer os processos de ensino e aprendizagem, favorecendo a aproximação dos estudantes com diferentes contextos

[1] Os autores informam que utilizaram ferramentas de inteligência artificial generativa como apoio à pesquisa bibliográfica, à estruturação do manuscrito e ao aprimoramento gramatical de partes do texto. Ressaltam, contudo, que a fundamentação teórica, as análises, a interpretação dos dados documentais e as conclusões são de sua exclusiva responsabilidade. Todo o conteúdo produzido com auxílio dessas ferramentas foi submetido à revisão e à edição humana substantiva, não tendo sido incorporada nenhuma seção integralmente gerada por IA sem a devida intervenção dos autores. As ferramentas utilizadas desempenharam exclusivamente uma função auxiliar, não sendo reconhecidas como autoras do trabalho.

sociais, culturais e históricos. Conforme Sisto (2020, p. 12), a relação entre as narrativas e a realidade ocorre de maneira recíproca: as histórias dialogam com as experiências do mundo, ao mesmo tempo que contribuem para ampliar a compreensão que os sujeitos constroem sobre ele.

Historicamente, a contação de histórias desempenhou um papel importante na transmissão de conhecimentos, na preservação das tradições e na partilha de valores culturais entre gerações. Ao longo do tempo, essa prática expandiu-se para diferentes espaços e contextos, como praças, hospitais, ambientes corporativos, redes sociais e instituições educacionais, assumindo também a denominação *storytelling* em determinadas áreas. Segundo Brito e Ribeiro (2022), a presença dessa prática em diferentes ambientes está relacionada ao seu potencial educativo e à sua capacidade de comunicar ideias, compartilhar experiências e produzir sentidos.

Para Brito e Ribeiro (2022), a contação de histórias em Língua Brasileira de Sinais (Libras) assume especial importância por se tratar de uma língua de modalidade visual-espacial, cuja estrutura favorece experiências narrativas que exploram o corpo, o espaço e os recursos visuais. Apesar de as crianças surdas nem sempre terem acesso frequente a essas experiências, especialmente aquelas que crescem em famílias ouvintes, a contação de histórias integra a trajetória cultural das comunidades surdas.

De acordo com Karnopp (2008), os encontros entre pessoas surdas também constituem espaços de compartilhamento de narrativas, entre as quais se destacam histórias protagonizadas por personagens surdos, relatos autobiográficos, piadas e produções que expressam aspectos da cultura e das identidades surdas. Essas práticas contribuem para a transmissão de experiências coletivas, a valorização da língua de sinais e o fortalecimento dos vínculos culturais entre os integrantes da comunidade surda.

Brito e Ribeiro (2022) destacam que a contação de histórias em Libras pode ser realizada por meio de diferentes estratégias, incluindo narrativas autorais, adaptações de obras literárias e traduções para a língua de sinais. Entre as possibilidades, estão a utilização do livro ilustrado, apresentado de modo que a criança surda possa acompanhar visualmente a narrativa, e a narração previamente preparada, sem a necessidade de consultar continuamente o material escrito.

Brito e Ribeiro (2022) relatam que também podem ser empregados recursos como gravuras, desenhos, dobraduras, objetos e materiais reutilizáveis, organizados no espaço para representar personagens e acontecimentos, contribuindo para a construção visual da sequência narrativa. Outra alternativa consiste no uso de aventais com bolsos, dos quais os personagens são retirados e

posicionados durante a contação, tornando a história mais dinâmica. Entretanto, a narrativa realizada sem materiais complementares também apresenta grande potencial expressivo, pois valoriza os recursos linguísticos, as expressões faciais e corporais e a exploração do espaço.

Conforme Coelho (1999), a narração oral de contos de fadas, lendas, fábulas e histórias da tradição popular favorece o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. Essas possibilidades, quando exploradas na contação em Libras, permitem valorizar a experiência visual das crianças surdas e ampliar as formas de participação e interação com as narrativas.

Entre os diferentes gêneros literários utilizados na contação de histórias, o conto de fadas destaca-se pelas possibilidades de criação de universos ficcionais marcados pela fantasia e pelo encantamento. Nesse gênero, personagens como fadas, bruxas, duendes, gnomos e vampiros compartilham cenários com objetos mágicos, como varinhas, poções e portas encantadas, que interferem no curso dos acontecimentos e permitem a construção de realidades que transcendem a experiência cotidiana. Esses elementos ampliam as possibilidades criativas da narrativa, estimulando a imaginação e favorecendo a exploração de diferentes formas de expressão artística.

Segundo Valenzuela (2024), os contos de fadas constituem uma modalidade narrativa com características próprias, mas que mantém relações com outros gêneros provenientes da tradição oral popular. Ao longo do tempo, essas narrativas foram transmitidas entre gerações e, posteriormente, registradas, adaptadas e ressignificadas, passando a integrar o repertório da literatura escrita. Embora sua origem exata seja desconhecida, esses contos estão historicamente associados às primeiras formas de comunicação oral, por meio das quais histórias circulavam entre diferentes grupos humanos, em diversos contextos históricos e geográficos.

Os contos maravilhosos, também denominados contos de encantamento (Valenzuela, 2024), caracterizam-se pela presença de acontecimentos extraordinários, por vezes impossíveis de explicar racionalmente, envolvendo magia, talismãs e objetos dotados de poderes especiais. De acordo com o conteúdo abordado, essas narrativas podem assumir diferentes configurações, incluindo histórias miraculosas, contos de costumes e narrativas protagonizadas por animais.

Na perspectiva de Todorov (2012), o maravilhoso caracteriza-se pela ruptura com as leis naturais conhecidas, exigindo que o universo narrativo seja compreendido a partir de regras próprias. Nesse gênero, os acontecimentos sobrenaturais são aceitos sem questionamentos pelos personagens e pelo leitor, constituindo parte integrante da realidade ficcional (Todorov, 2012). O conto de fadas

insere-se nessa categoria como uma de suas modalidades, distinguindo-se pela organização narrativa que incorpora elementos mágicos e sobrenaturais.

Nos contos de fadas, estabelece-se, portanto, uma relação de aceitação entre a narrativa e seu público, que reconhece os elementos mágicos como componentes legítimos daquele universo ficcional. Essa convenção sustenta a lógica interna da história, frequentemente situada em tempos indeterminados e espaços imaginários, nos quais o faz de conta possibilita a construção de realidades alternativas. Dessa maneira, o maravilhoso constitui um recurso expressivo que amplia as possibilidades de criação literária, favorecendo a imaginação e a elaboração de narrativas que transcendem as experiências habituais.

Vale ressaltar que os contos de fadas e os contos maravilhosos apresentam características semelhantes, embora possam ser diferenciados conforme a classificação teórica adotada. Os contos de fadas geralmente apresentam personagens e elementos associados à magia e ao encantamento, como fadas, bruxas, feitiços e objetos mágicos. Os contos maravilhosos, por sua vez, caracterizam-se pela presença de acontecimentos sobrenaturais que são aceitos como parte integrante do universo ficcional, podendo envolver seres encantados, animais falantes e acontecimentos extraordinários.

Segundo Todorov (2012), o conto de fadas constitui uma modalidade do gênero maravilhoso, cuja principal característica é a aceitação dos acontecimentos sobrenaturais sem questionamentos por parte dos personagens ou do leitor. Dessa forma, os contos de fadas podem ser compreendidos como uma modalidade das narrativas maravilhosas, embora essa relação conceitual dependa da classificação literária utilizada.

Nessa perspectiva, destacamos que a história infantil “A Fada das Mãos Mágicas”, desenvolvida pelo projeto de extensão SinalArt – Sinalizando Artes, pode ser caracterizada como um conto de fadas, uma vez que apresenta uma personagem feérica e um universo ficcional construído a partir da fantasia, da magia e do encantamento. Essa classificação permite situar a obra no campo das narrativas maravilhosas, considerando suas características literárias e suas possibilidades de expressão artística em Libras.

Diante dessas considerações, compreendemos que os contos de fadas também podem ser narrados em Libras preservando o encantamento, a fantasia e os elementos característicos desse gênero literário, ao mesmo tempo que exploram as possibilidades expressivas de uma língua visual-espacial. Por meio das expressões faciais e corporais, dos movimentos, da exploração do espaço e de recursos

visuais e cênicos, é possível construir narrativas acessíveis e esteticamente significativas para o público infantil.

Por isso, entendemos que a contação de contos de fadas em Libras, portanto, não se limita à tradução de histórias para uma língua de sinais, mas constitui uma oportunidade de criação artística, valorização da língua e da cultura surda e ampliação do acesso das crianças surdas às expressões artísticas. Nesse sentido, a articulação entre contos de fadas, Libras e artes contribui para promover a imaginação, fortalecer identidades e ampliar as experiências de fruição literária e de acessibilidade cultural, favorecendo o compartilhamento de histórias entre crianças surdas e ouvintes

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, dedicada à descrição e à análise do processo de criação e produção da história infantil A Fada das Mãos Mágicas, desenvolvida no âmbito do projeto de extensão SinalArt – Sinalizando Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A pesquisa bibliográfica fundamenta a discussão sobre contação de histórias em Libras e contos de fadas. A pesquisa documental, por sua vez, contempla os registros e materiais relacionados à concepção, à realização e à produção audiovisual da obra, incluindo o vídeo finalizado e os recursos utilizados em sua elaboração.

A história infantil A Fada das Mãos Mágicas é uma produção artística desenvolvida no âmbito do projeto de extensão SinalArt – Sinalizando Artes, vinculado à Faculdade de Letras e ao Departamento de Letras-Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A obra foi concebida para apresentação ao vivo e produção audiovisual, reunindo literatura, música, teatro, dança e recursos visuais em uma proposta voltada à valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e à acessibilidade cultural. A coordenação geral do projeto ficou a cargo de Valeria Nunes, com vice-coordenação de Fernanda Castro.

O elenco é composto por Valéria Milanês, no papel da Fada Li; Jovania Castro, como Olho da Floresta; Samir Motta, como Guardião da Floresta; e Ana Lemos e Gleice Carvalho, como as irmãs. Samir Motta também atuou como intérprete de Libras. Tivemos também a consultoria teatral de Rebeca Santos e Valeria Nunes e a consultoria em dança de Leandro Fernandes.

O texto, a partir de diálogos entre Valeria Nunes e Samir Motta, foi elaborado posteriormente, coletivamente, por Ana Lemos, Gleice Carvalho, Jovania Carvalho, Samir Motta, Valéria Milanês e Valeria Nunes, evidenciando o caráter colaborativo da criação artística.

O percurso metodológico compreende a descrição das diferentes etapas de desenvolvimento da produção artística, considerando tanto a apresentação ao vivo quanto a realização audiovisual. Inicialmente, a etapa 01, abordamos a concepção da proposta e a elaboração coletiva da narrativa, incluindo a criação dos personagens.

Na etapa 02, analisamos os elementos de intertextualidade e multimodalidade presentes na obra A Fada das Mãos Mágicas, considerando o diálogo com contos de fadas tradicionais, a ressignificação da figura da fada por meio da Libras e a articulação entre diferentes modos de produção de sentidos.

Em seguida, a etapa 03, descrevemos o processo de composição da música autoral, bem como a definição dos figurinos e da maquiagem, a construção dos cenários e a seleção dos elementos cenográficos necessários à caracterização do universo ficcional.

Na etapa 04, examinamos os procedimentos técnicos de produção audiovisual, abrangendo a filmagem, a edição e a incorporação de recursos visuais e sonoros, como imagens, efeitos visuais e fundos musicais. Também são considerados os recursos expressivos mobilizados na construção da narrativa em Libras, especialmente aqueles relacionados à dimensão visual, corporal e performática da contação de histórias.

Por fim, a análise articula os registros documentais e as etapas de produção às discussões teóricas que fundamentam o estudo, buscando compreender como a integração entre literatura, Libras e diferentes linguagens artísticas contribui para a construção da obra e para a promoção da acessibilidade cultural destinada ao público infantil.

O conjunto dessas contribuições demonstra a articulação entre diferentes linguagens artísticas e recursos tecnológicos na construção da narrativa. A produção audiovisual de A Fada das Mãos Mágicas está disponível no YouTube, por meio do link: https://youtu.be/H7xPiJChDtA.

Figura 1. QR code para vídeo no youtube



Fonte: https://youtu.be/H7xPiJChDtA

Vale ressaltar que esta produção se desenvolveu ao longo do ano de dois mil e vinte e seis e contou com apresentações ao vivo, na íntegra ou em trechos, por exemplo em apresentação em escolas; em apresentação de pôster no XXV Congresso Internacional e XXXI Seminário Nacional do Instituto Nacional de Educação de Surdos - COINES 2026; e na 15ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ (SIAc 2026).

3.1 ETAPA 01: O ENREDO DE A FADA DAS MÃOS MÁGICAS

A respeito da história narrada, segue-se um breve resumo. Em uma floresta encantada, vivia "Olho da Floresta", uma personagem que observava tudo ao seu redor e conhecia muitas histórias. Vestida de verde, ela se apresentava ao público ao lado de seu parceiro florestal, com quem compartilhava um cumprimento especial. Ao recordar as maravilhas que já havia presenciado, mencionava pássaros, lagartas que se transformavam em borboletas, joaninhas e personagens conhecidos dos contos de fadas, como os sete anões e a menina do capuz vermelho. Entretanto, ainda não havia encontrado uma fada que se comunicasse com as mãos. Curiosa com essa novidade, decidiu contar ao público a história que havia descoberto.

Em um belo dia ensolarado, surgiu na floresta uma fada cor-de-rosa, graciosa e encantadora, chamada Fada Li (Libras). Com suas mãos mágicas, ela voava à procura de pessoas a quem pudesse ensinar os números em Libras, mostrando que aprender a contar também poderia ser uma oportunidade para compartilhar conhecimentos. Enquanto a fada observava a floresta, duas irmãs chegaram ao local, aparentemente famintas e à procura de comida.

As meninas encontraram uma fruta, mas, ao tentarem ficar com ela, começaram a disputar o alimento. A fruta caiu no chão e se desfez, deixando as duas tristes e contrariadas. Nesse momento, Fada Li chamou a atenção das irmãs e fez surgir uma cesta cheia de frutas. Encantadas com a possibilidade de conseguir mais alimentos, elas correram em direção à cesta, mas foram magicamente paralisadas pela fada antes que pudessem pegar as frutas.

Fada Li explicou que, antes de pegar os alimentos, as meninas precisavam aprender os números em Libras, pois esse conhecimento as ajudaria a contar e a compartilhar. Para tornar a aprendizagem mais divertida, convidou as irmãs a participar de uma música animada, intitulada *Mãos de Fada*. Por meio da canção, elas aprenderam os números associados à representação de animais com os dedos das mãos, em uma atividade lúdica que aproximava a língua de sinais da música e da expressão corporal. Ao perceber o rápido aprendizado das meninas, a fada demonstrou alegria e orgulho pela conquista.

Depois da atividade, Fada Li permitiu que cada irmã pegasse uma fruta. No entanto, as meninas voltaram a disputar a cesta, tentando ficar com todos os alimentos. A fada precisou intervir novamente, explicando que não bastava aprender a contar: era necessário compreender a importância de dividir e compartilhar. Dessa vez, orientadas pela personagem, as irmãs pegaram uma fruta cada uma e agradeceram pela ajuda recebida.

Em seguida, Fada Li lembrou às meninas que havia outras pessoas no mundo que também precisavam aprender a contar, dividir e compartilhar coisas boas e saudáveis. Reconhecendo o progresso das irmãs, incentivou-as a transmitir o conhecimento adquirido a outros colegas. Assim, a aprendizagem ultrapassou os limites da floresta e passou a envolver também o público presente.

Ao som da música *Mãos de Fada*, a personagem ensinou os sinais em Libras à plateia, convidando todos a participar da experiência. A interação transformou a apresentação em um espaço coletivo de aprendizagem, no qual crianças e adultos puderam conhecer a língua de sinais de maneira artística e participativa.

Ao final da história, Olho da Floresta anunciou que Fada Li havia ensinado Libras a novos amigos, deixando as irmãs com uma cesta de frutas e o coração cheio de gratidão. Mais do que aprender os números, as meninas compreenderam que o conhecimento, assim como os alimentos, pode e deve ser compartilhado. A narrativa encerrou-se com todos reunidos à frente, de mãos dadas e realizando palmas em Libras, celebrando a amizade, a cooperação, a solidariedade e a valorização da língua de sinais.

3.2 ETAPA 02: INTERTEXTUALIDADE E MULTIMODALIDADE EM A FADA DAS MÃOS MÁGICAS

A obra A Fada das Mãos Mágicas articula intertextualidade e multimodalidade na construção de uma narrativa que aproxima a contação de histórias, a Libras, a música e a expressão corporal. Esses elementos contribuem para a criação de uma experiência artística e educativa que valoriza a visualidade, a participação do público e a aprendizagem da língua de sinais.

A intertextualidade consiste na relação estabelecida entre textos, de modo que a construção de sentidos de uma produção textual pode mobilizar referências, elementos ou diálogos com outros textos, explícita ou implicitamente (Koch; Bentes; Cavalcante, 2007).

A narrativa A Fada das Mãos Mágicas estabelece diálogos com o universo dos contos de fadas e com personagens reconhecidos da literatura infantil, como os sete anões e a menina do capuz vermelho, mencionados por Olho da Floresta. Essas referências evocam histórias que integram o imaginário coletivo e aproximam o público de um universo ficcional familiar.

Ao recuperar tais elementos e introduzir uma fada que se comunica por meio das mãos, a obra ressignifica convenções dos contos maravilhosos, incorporando a Libras como elemento central da construção narrativa. A Fada Li, cujo nome remete à Língua Brasileira de Sinais, assume o papel de personagem que transforma a magia tradicionalmente associada aos contos de fadas em uma possibilidade de comunicação, aprendizagem e interação.

A partir de Kress (2010), a multimodalidade pode ser compreendida como a produção de sentidos por meio da articulação de diferentes modos semióticos, como linguagem verbal, imagens, gestos, movimentos corporais, sons e recursos visuais. Nessa perspectiva, a comunicação não se restringe à linguagem verbal, pois diferentes modos podem atuar conjuntamente na construção e na interpretação dos significados.

A multimodalidade, por sua vez, evidencia-se na articulação de diferentes modos de produção de significados, entre os quais se destacam a língua de sinais, os movimentos corporais, as expressões faciais, a música, os figurinos, a maquiagem, os objetos cênicos, as cores e os recursos audiovisuais. A caracterização visual das personagens contribui para a construção de suas identidades e para a ambientação da história: o figurino verde de Olho da Floresta remete ao espaço natural, enquanto o figurino cor-de-rosa da Fada Li reforça sua caracterização fantástica. As frutas, a cesta e os demais elementos cenográficos, por sua vez, participam do desenvolvimento das ações e favorecem a compreensão dos conflitos e de suas resoluções.

Nesse contexto, a Libras ocupa uma posição central na produção de sentidos, não se restringindo à tradução ou ao acompanhamento do conteúdo verbal. As mãos, os movimentos, as expressões não manuais e a organização espacial dos sinais integram a própria composição estética da obra.

A multimodalidade também se manifesta na relação entre os elementos verbais, visuais, corporais e sonoros durante a apresentação. A narrativa é construída pela interação entre as personagens, que utilizam a sinalização, as expressões faciais e os movimentos corporais para conduzir as ações e envolver o público. A música, os recursos cênicos e a organização visual do espaço complementam essa construção, contribuindo para a compreensão dos acontecimentos e para o envolvimento dos espectadores. Na versão audiovisual, a filmagem, o enquadramento e a edição participam da organização desses elementos, orientando o olhar do espectador e favorecendo o acompanhamento da narrativa sinalizada.

Outro aspecto relevante é a participação da plateia, convidada a aprender e reproduzir os sinais apresentados durante a canção, quando há apresentação ao vivo. Essa interação amplia a experiência para além da contemplação, transformando o público em participante do processo de construção de sentidos. Ao ensinar Libras também às crianças ouvintes, a obra favorece o contato entre diferentes experiências linguísticas e culturais, promovendo a aproximação entre surdos e ouvintes por meio da arte.

Por fim, analisamos como o conflito em torno da disputa pelas frutas introduz uma dimensão ética à narrativa, uma vez que relaciona a aprendizagem dos números à reflexão sobre a partilha, a cooperação e a solidariedade. Ao observarmos a resolução do conflito, compreendemos que o conhecimento linguístico, embora seja fundamental, também pode ser mobilizado em situações de convivência e interação social. Dessa maneira, identificamos como a obra articula referências intertextuais, diferentes modos de expressão e práticas participativas, de modo que constrói uma experiência artística que ultrapassa o ensino de vocabulário em Libras. Ao integrarmos, em nossa análise, língua, corpo, música, imagem e narrativa, reconhecemos que A Fada das Mãos Mágicas contribui para a valorização da cultura surda e para a ampliação das possibilidades de acessibilidade cultural por meio da contação de histórias.

Tabela 1. Intertextualidade e multimodalidade na obra A Fada das Mãos Mágicas

Conceito	Elementos identificados na obra	Manifestação na narrativa
Intertextualidade	Diálogo com os contos de fadas tradicionais	Evocação do universo fantástico e de elementos reconhecidos da literatura infantil.
Intertextualidade	Referências aos sete anões e à menina do capuz vermelho	Recuperação de personagens e narrativas que integram o imaginário dos contos de fadas.
Multimodalidade	Libras, expressões faciais e movimentos corporais	Os sinais e as expressões não manuais participam da construção dos sentidos e da caracterização das personagens.
Multimodalidade	Música	A canção Mãos de Fada relaciona elementos musicais e corporais à aprendizagem dos números em Libras.
Multimodalidade	Figurinos, maquiagem, cores e objetos cênicos	Os elementos visuais caracterizam as personagens, ambientam a floresta e contribuem para o desenvolvimento da narrativa.
Multimodalidade	Filmagem, enquadramento e edição audiovisual	Os recursos técnicos organizam a apresentação visual e favorecem o acompanhamento da narrativa sinalizada.
Multimodalidade	Interação corporal e visual com a plateia	O público é convidado a reproduzir sinais e participar da experiência artística e educativa.

Fonte: Os Autores

Em síntese, compreendemos que a intertextualidade evidencia o diálogo da obra com narrativas e referências culturais preexistentes, enquanto a multimodalidade nos permite analisar como diferentes modos semióticos — linguístico, visual, corporal, musical e cênico — se articulam para produzir sentidos. Ao examinarmos esses dois conceitos em A Fada das Mãos Mágicas, identificamos como eles convergem para a valorização da Libras e da cultura surda, integrando arte, acessibilidade cultural e aprendizagem.

Nesse contexto, estabelecemos um diálogo entre a multimodalidade e a pedagogia visual, uma vez que reconhecemos que a construção de sentidos ocorre por meio da articulação de diferentes recursos semióticos, como a língua de sinais, as expressões faciais, os movimentos corporais, as imagens e os elementos cênicos. Nessa perspectiva, recorremos a Campello (2007), cujas reflexões sobre a pedagogia visual na educação de surdos nos permitem discutir a importância de práticas pedagógicas que considerem as experiências visuais e linguísticas dessa comunidade.

Dessa forma, ao analisarmos a obra A Fada das Mãos Mágicas, observamos que essa relação se concretiza por meio da integração entre Libras, música, expressão corporal, figurinos, objetos cênicos e recursos audiovisuais, que, ao se complementarem, participam tanto da construção estética da narrativa quanto das possibilidades de aprendizagem. Por isso, compreendemos que a articulação multimodal favorece ao acesso ao conteúdo da história e amplia as possibilidades de participação do público, ao mesmo tempo que valorizamos a Libras como língua de expressão artística e de construção do conhecimento.

3.3 ETAPA 02 – COMPOSIÇÃO VISUAL E CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS

A caracterização e a atuação da personagem Fada Li foi idealizada e produzida por Valéria Milanês, cuja ampla experiência na criação de personagens vivos, desenvolvida no âmbito da organização "Val Personagens[2] ", contribuiu para a concepção visual da fada.

Figura 2. Caracterização da Fada Li



Fonte: https://www.instagram.com/sinalart_ufrj/

[2] Val Personagens: especializada na criação e na caracterização de personagens vivos para festas infantis e eventos particulares (valpersonagens).

Ao construirmos essa personagem, buscamos valorizar sua dimensão mágica e encantadora, de modo que sua aparência dialogasse com o universo fantástico da narrativa e com sua função de ensinar Libras por meio das mãos. A escolha do figurino cor-de-rosa, associada aos detalhes da caracterização, contribuiu para conferir à personagem uma identidade visual própria, que a distingue das demais figuras da história e reforça sua presença no imaginário infantil.

Já a caracterização das personagens Irmãs (Gleice Carvalho e Ana Lemos) e Guardião da Floresta (Samir Motta) foi desenvolvida por Jovania Carvalho, com consultoria de Welton Fernando Zonatti, vinculado à Modateca — Laboratório de Moda, Figurino e Cenografia do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Figura 3. Caracterização: personagens Irmãs e Guardião da Floresta



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=H7xPiJChDtA&t=8s

Ao elaborarmos a composição visual dessas personagens, consideramos a relação entre os figurinos e o ambiente em que a história se desenvolve. Nesse sentido, utilizamos tons de vermelho e verde nas roupas das irmãs, estabelecendo um diálogo cromático com a floresta e seus elementos naturais. Essa escolha contribuiu para integrar visualmente as personagens ao cenário, ao mesmo tempo que favoreceu sua identificação pelo público. A composição dos figurinos também foi pensada em consonância com a atmosfera fantástica da narrativa, de modo que as roupas participassem da construção estética da encenação.

Na caracterização da personagem Olho da Floresta (Jovania Carvalho), contamos com a maquiagem idealizada e produzida por Sarah Aparecida Brandão Santana, além da consultoria de Welton Fernando Zonatti, da Modateca/INES, para a elaboração do figurino.

Figura 4. Caracterização: Olho da Floresta



Fonte: https://www.instagram.com/sinalart_ufrj/

Ao compormos visualmente essa personagem, buscamos destacar sua relação com a natureza e sua função de narradora, responsável por apresentar ao público o universo ficcional e conduzir a história. O figurino verde reforça essa conexão com a floresta, enquanto a maquiagem contribui para a composição de sua identidade cênica e para a expressividade da personagem durante a contação. Dessa maneira, articulamos figurino, maquiagem, corporalidade e atuação na construção de uma figura que estabelece a transição entre o mundo cotidiano do público e o universo mágico da narrativa.

Além da caracterização das personagens para a apresentação artística, foi proposto também para as apresentações ao vivo uma boneca artesanal inspirada na Fada Li, reproduzindo detalhes de sua composição visual. Ao idealizarmos esse recurso, buscamos ampliar as possibilidades de interação com a personagem, especialmente para crianças com baixa visão ou deficiência visual, permitindo que explorem suas características por meio do tato.

Figura 5. Boneca: Fada Li



Fonte: https://www.instagram.com/sinalart_ufrj/

Os detalhes da boneca possibilitam o reconhecimento de elementos que compõem a identidade visual da fada, ampliando as formas de aproximação com a obra. Com essa iniciativa, procuramos expandir a experiência artística para além da dimensão visual da apresentação, valorizando a exploração tátil como possibilidade de participação e fruição cultural. Assim, articulamos caracterização cênica, criação artesanal e acessibilidade, de modo que diferentes públicos possam estabelecer relações com a personagem e com o universo de A Fada das Mãos Mágicas.

3.4 ETAPA 03 – COMPOSIÇÃO MUSICAL, PRODUÇÃO AUDIOVISUAL E CÊNICA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM LIBRAS

A produção audiovisual de A Fada das Mãos Mágicas envolveu diferentes profissionais e procedimentos técnicos e artísticos, que contribuíram para a construção estética da narrativa e para a integração entre Libras, música, imagem e movimento. A filmagem foi realizada por João José Macedo, enquanto a edição audiovisual ficou sob a responsabilidade de Valeria Nunes, que utilizou a versão gratuita do software DaVinci Resolve para realizar a montagem das cenas e integrar os diferentes recursos visuais e sonoros. A arte do título exibido na abertura do vídeo foi elaborada por Monique Mairins, contribuindo para a identidade visual da produção.

Figura 6. Vídeo da contação de história



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=H7xPiJChDtA&t=8s

Para compor o cenário fantástico da história, utilizamos uma única imagem de uma floresta mágica geradas com o auxílio do ChatGPT, a partir de *prompts* (comandos textuais) idealizados por nós, que orientaram a criação visual de acordo com a proposta estética e narrativa da obra. Concebemos uma floresta encantada na qual as folhas das árvores apresentam configurações de mãos da Libras desenhadas em suas superfícies, estabelecendo uma relação simbólica entre a natureza, a visualidade e a Libras. Essa escolha buscou integrar a língua de sinais ao próprio ambiente ficcional, de modo que as mãos não estivessem presentes apenas nas ações das personagens, mas também na composição visual do espaço em que a história acontece.

Nos *prompts*, também idealizamos um universo no qual animais selvagens e domésticos pudessem conviver harmoniosamente, rompendo com as fronteiras que normalmente delimitam os ambientes e as relações entre diferentes espécies. Nesse cenário, incluímos um dinossauro, um coelho, um gato, uma borboleta e um morcego, animais mencionados na música autoral Mãos de Fada. A seleção desses animais foi motivada pela relação entre suas representações e as configurações de mão utilizadas na sinalização dos números em Libras, estabelecendo uma associação entre língua, corpo, imagem e música. Assim, os animais não foram escolhidos aleatoriamente, pois integram a proposta linguística e pedagógica da canção, na qual a aprendizagem dos números se desenvolve de maneira lúdica e visual.

Destacamos, ainda, a presença do morcego, embora a narrativa se desenvolva durante o dia. Essa escolha foi intencional, uma vez que, ao construirmos um conto maravilhoso, buscamos explorar

a liberdade criativa própria do universo fantástico, no qual os elementos da realidade podem ser reorganizados e ressignificados. A presença desse animal contribui para reforçar a atmosfera imaginativa da obra e demonstra que a construção de um universo ficcional não precisa se limitar estritamente às convenções do mundo natural. Desse modo, a floresta concebida para A Fada das Mãos Mágicas combina elementos reconhecíveis da natureza com componentes imaginários, criando um ambiente que favorece a curiosidade, o encantamento e a aprendizagem.

Além das imagens geradas por inteligência artificial, utilizamos efeitos visuais gratuitos disponibilizados pela plataforma Pixabay.com, que foram incorporados à edição audiovisual para complementar a ambientação e contribuir para a composição das cenas. Para exemplifica, quando as irmãs fazem as pazes e se abraçam, corações coloridos surgem para intensificar a representação do sentimento de harmonia e amor entre elas.

Figura 7. Vídeo da contação de história: efeitos visuais



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=H7xPiJChDtA&t=8s

Ao articularmos imagens idealizadas por nós, recursos digitais e elementos da narrativa, buscamos construir uma unidade visual que dialogasse com os figurinos, as personagens, a música e a proposta de valorização da Libras. A inteligência artificial foi empregada como ferramenta de apoio à criação artística, orientada por escolhas autorais que determinaram os elementos, as características e os sentidos pretendidos para o cenário.

Já a composição da música autoral Mãos de Fada foi desenvolvida coletivamente por Ana Lemos, Gleice Carvalho, Jovania Carvalho, Samir Motta, Valéria Milanês e Valeria Nunes. A composição musical dialoga com elementos do rock, incorporando características rítmicas e sonoras

que contribuem para a construção da atmosfera lúdica e mágica da narrativa. A produção musical contou com a participação de Jovania Carvalho e Samir Motta, responsáveis também pela gravação dos vocais da canção, realizada no estúdio da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Samir Motta realizou a edição da música e criou os fundos musicais Floresta Mágica e Floresta Encantada, concebidos para acompanhar diferentes momentos da narrativa. Esses recursos sonoros contribuíram para estabelecer a atmosfera do ambiente ficcional, marcar as transições entre as cenas e intensificar o envolvimento do público com a história.

No processo de preparação cênica, contamos com a consultoria teatral de Rebeca Santos e Valeria Nunes, cuja colaboração contribuiu para a construção das cenas, a organização das ações das personagens e o desenvolvimento das interações necessárias à condução da narrativa. Também tivemos a consultoria em dança de Leandro Fernandes, que colaborou na elaboração da coreografia associada à música Mãos de Fada. Essa contribuição favoreceu a integração entre os movimentos corporais, a sinalização em Libras e a expressão artística, especialmente nos momentos em que as personagens ensinam os números por meio dos sinais relacionados aos animais. A coreografia foi concebida para que os movimentos pudessem ser apresentados pelas personagens e reproduzidos pelo público, ampliando as possibilidades de participação durante a contação de histórias.

A discussão sobre a dimensão artística da Libras dialoga com as reflexões de Nunes *et al.* (2025), que abordam as possibilidades de exploração da língua de sinais em práticas cênicas. Essa perspectiva contribui para compreender a contação de histórias A Fada das Mãos Mágicas, desenvolvida no âmbito do SinalArt/UFRJ, como uma experiência que articula expressão linguística, corporalidade, musicalidade e teatralidade, ampliando as possibilidades de criação e fruição artística em Libras.

Os recursos cenográficos também desempenharam uma função importante na construção da narrativa e na materialização de seus significados. Entre eles, destacamos a cesta de frutas, composta por frutas confeccionadas em material plástico e equipadas com fechos de velcro, que permitem sua separação em duas partes.

Figura 8. Recurso cênico: cesta de frutas



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=H7xPiJChDtA&t=8s

Esse recurso foi utilizado para representar cenicamente a divisão da fruta, estabelecendo uma relação concreta entre a ação das personagens e o tema da partilha. Ao disputarem os alimentos, as irmãs vivenciam o conflito que desencadeia a intervenção da Fada Li; posteriormente, ao compreenderem a importância de dividir e compartilhar, passam a agir de maneira cooperativa. O objeto cênico não funciona apenas como elemento decorativo, mas participa diretamente do desenvolvimento do enredo e da construção de sentidos relacionados à solidariedade e à convivência.

Nas apresentações ao vivo, distribuímos como brinde cordões com um pequeno adereço em formato de mão, concebido como elemento simbólico relacionado às mãos mágicas da Fada Li. A distribuição desses objetos ao público contribuiu para ampliar a interação com a proposta artística, oferecendo uma lembrança material da experiência e reforçando a relação entre a personagem, a Libras e a temática da apresentação.

Diante disso, ao articulamos composição musical, gravação de áudio, filmagem, edição audiovisual, criação de imagens com inteligência artificial, efeitos visuais, consultorias artísticas e elaboração de objetos cênicos, buscamos construir uma experiência narrativa na qual os diferentes elementos se complementam. A integração entre recursos sonoros, visuais, corporais e materiais contribuiu para a composição estética de A Fada das Mãos Mágicas, ao mesmo tempo que favoreceu a compreensão da história, a participação do público e a valorização da Libras como língua de expressão artística e de construção de conhecimentos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolvermos e analisarmos a contação de histórias A Fada das Mãos Mágicas, no âmbito do projeto de extensão SinalArt – Sinalizando Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), buscamos compreender como a articulação entre Libras, literatura, música, teatro, dança e recursos audiovisuais pode contribuir para a valorização da língua e da cultura surda.

Ao longo do processo de criação, reconhecemos que a Libras não se limita à transmissão de informações ou à tradução de conteúdos produzidos em outras línguas, pois constitui uma língua de criação artística, expressão estética e construção de conhecimentos. Nesse sentido, ao concebermos uma fada cuja magia se manifesta por meio das mãos que sinalizam, ressignificamos elementos tradicionais dos contos de fadas e construímos uma narrativa na qual a língua de sinais ocupa uma posição central, tanto na composição da personagem quanto no desenvolvimento do enredo.

Ao examinarmos as relações de intertextualidade e multimodalidade presentes na obra, identificamos como referências aos contos de fadas tradicionais, associadas à sinalização, às expressões faciais e corporais, aos figurinos, à maquiagem, aos objetos cênicos, à música e aos recursos audiovisuais, participam da construção dos sentidos da narrativa. Compreendemos que a integração desses elementos amplia as possibilidades de expressão e favorece a organização de uma experiência artística que considera a visualidade como dimensão fundamental da comunicação em Libras. Ao relacionarmos essas escolhas à pedagogia visual, reconhecemos a importância de desenvolver propostas que valorizem as experiências linguísticas e visuais das crianças surdas, sem restringir a acessibilidade à presença da língua de sinais, mas contemplando também a organização estética, espacial e corporal da produção.

No que se refere à dimensão educativa da narrativa, observamos que a música autoral Mãos de Fada, ao articular elementos rítmicos e sonoros associados ao rock, movimentos corporais e configurações de mão relacionadas aos números em Libras, contribui para aproximar a aprendizagem linguística da experiência artística. Ao integrarmos esses recursos à atuação das personagens e à participação da plateia, criamos oportunidades para que o público conheça e reproduza sinais de maneira lúdica e interativa. Paralelamente, ao construirmos o conflito em torno da disputa pelas frutas e sua resolução por meio da partilha, relacionamos a aprendizagem dos números à reflexão sobre a cooperação, a solidariedade e a convivência. Compreendemos que a proposta ultrapassa o ensino de vocabulário, uma vez que articula conhecimentos linguísticos, experiências estéticas e valores

relacionados à vida coletiva, favorecendo a participação de crianças surdas e ouvintes em uma experiência compartilhada.

Ao considerarmos o percurso de criação e produção, destacamos a importância do trabalho colaborativo entre os integrantes da equipe e os profissionais que contribuíram para a elaboração do roteiro, a composição musical, a caracterização das personagens, a preparação cênica, a coreografia, a filmagem e a edição audiovisual. A apresentação realizada em contexto educacional bilíngue, com a participação de alunos surdos, bem como as experiências de compartilhamento da obra em eventos acadêmicos, permitiu-nos aproximar a produção artística universitária de diferentes públicos e espaços de circulação cultural. Além disso, ao disponibilizarmos a produção audiovisual no YouTube e ao utilizarmos recursos como a boneca artesanal inspirada na Fada Li, ampliamos as possibilidades de acesso e interação com a narrativa. Reconhecemos, contudo, que essas iniciativas constituem contribuições para a acessibilidade cultural, cuja efetividade pode ser aprofundada por meio de investigações futuras que contemplem sistematicamente as experiências e as percepções dos públicos participantes.

Por fim, ao refletirmos sobre a experiência desenvolvida no SinalArt, reafirmamos a relevância da extensão universitária como espaço de encontro entre criação artística, produção de conhecimento e diálogo com a sociedade. Ao produzirmos uma narrativa autoral em que as mãos assumem o lugar da tradicional varinha mágica, buscamos evidenciar que a Libras pode ocupar diferentes espaços de criação, aprendizagem e fruição cultural, contribuindo para o reconhecimento das identidades e das experiências surdas desde a infância. Consideramos que A Fada das Mãos Mágicas representa uma possibilidade de articulação entre arte, educação bilíngue e acessibilidade cultural, na medida em que integra diferentes linguagens semióticas e convida o público a participar da construção dos sentidos da história. Esperamos, portanto, que essa experiência contribua para incentivar novas produções artísticas em Libras, ampliar a circulação de narrativas voltadas às crianças surdas e fortalecer iniciativas universitárias que, ao reconhecerem a diversidade linguística e cultural, promovam o direito de todos à participação na vida artística e cultural.

REFERÊNCIAS

BRITO, L. R.; RIBEIRO, M. C. M. de A. . Contribuições da Contação de Histórias em Libras Para a Educação de Surdos . *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 31, n. 68, p. 181–199, 2022. DOI: 10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n68.p181-199. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/faeeba/article/view/14679. Acesso em: 9 out. 2026.

CAMPELLO, A. R. e S. Pedagogia visual na educação dos surdos. In: RONICE M. Q.; PELIN, G. (org.). *Estudos Surdos II*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

COELHO, B. *Contar histórias é uma arte sem idade.* São Paulo: Ática, 1999.

KARNOPP, L. *Literatura Surda.* Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

KRESS, Gunther. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. London: Routledge, 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

NUNES, V. F.; SESSA, G. A. B. S.; ALVES, T. C.; SANTOS, R. P. Libras em contextos artísticos: jogos para a prática cênica. In: Müller; L; ANDRADE, L. O. M.; LAGOMARSINO, K. M.; TROJAHN, T. C. (org). *Ensino, pesquisa e extensão: conexões exitosas entre universidade e comunidade.* Santa Maria, RS : Arco Editores, 2025.

SISTO, C. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Belo Horizonte: Aletria, 2020.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica.* São Paulo, Perspectiva, 2012.

VALENZUELA, S. T. *Conto de fadas: origens, conceitos e reflexões sobre o gênero*. Revista USP, São Paulo, n. 140, p. 119–134, 2024. Disponível em: https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2024/03/8-Sandra-Trabucco.pdf. Acesso em: 9 out. 2026.